

**MOURARIA: CONVIVIALIDADE, DIVERSIDADE E
VULNERABILIDADES NUM ESPAÇO EM TRANSIÇÃO**

**MOURARIA: CONVIVIALITY, DIVERSITY AND
VULNERABILITIES IN A NEIGHBOURHOOD IN
TRANSITION**

Maria Manuela Mendes¹, Beatriz Padilla² & Joana Azevedo²

¹Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL) - Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-IUL) e Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa (FAUL), Edifício ISCTE, Av. das Forças Armadas 1649-026, Lisboa, Portugal
mamendesster@gmail.com

¹Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL) - Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-IUL), Edifício ISCTE, Av. das Forças Armadas 1649-026, Lisboa, Portugal
padilla.beatriz@gmail.com, joana.azevedo@iscte.pt

Recebido 19 de fevereiro de 2016, aceite 10 de maio de 2016

RESUMO - Este artigo tem por base uma pesquisa mais ampla de carácter qualitativo, em que se procura refletir e avançar com pistas de interpretação para os processos de transição que recentemente têm marcado o bairro da Mouraria em Lisboa. Assim, de um imaginário dominante que concebe este bairro como um espaço mal afamado e segregado, ainda que contextualizado numa zona histórica de Lisboa, tem-se assistido à emergência de uma imagem que incorpora cada vez mais atributos positivos que tendem a classificar este bairro como cosmopolita, multicultural e turístico. Esta análise assenta nas propostas teóricas desenvolvidas por P. Gilroy (2004) e S. Vertovec (2007) em torno dos conceitos: convivialidade e super diversidade, procurando-se mostrar que a congregação de políticas públicas e do marketing urbano, aliados à existência de recursos locais (associações, serviços públicos, comércio e prestação de serviços diversificados, populações em trânsito, tipicidade) têm contribuído

para a transformação deste bairro lisboeta. Embora a Mouraria continue a ser marcada pela super diversidade e convivialidade, não deixa de ser caracterizada pela permanência de algumas vulnerabilidades, registando-se o que parece ser um complexo mas incipiente processo de gentrificação.

Palavras-chave: super diversidade, convivialidade, bairro da Mouraria, requalificação, políticas públicas, multiculturalismo.

ABSTRACT - This article, based on a larger qualitative study, seeks to reflect and advance new research clues for interpreting the transition processes that have recently marked the Mouraria neighbourhood in Lisbon. From a dominant imaginary that conceived this neighbourhood as a bad reputation, segregated territory, albeit situated in the historical district of Lisbon, our research witnessed the emergence of a new image that embodies increasingly positive attributes that tend to reclassify this neighbourhood as cosmopolitan, multicultural and touristic. The analysis, based on the theoretical proposals developed by P. Gilroy (2004) and S. Vertovec (2007) around conviviality and super-diversity, has the intention to show that the pooling of public policies and urban marketing, coupled with the existence of local resources (organizations, public services, local commerce, trade and provision of diversified services, populations in transit, typical features) have contributed to the transformation of this neighbourhood, marked by superdiversity and conviviality as well as by the persistence of some vulnerabilities, embodying what seems to be a complex and incipient process of gentrification.

Keywords: superdiversity, conviviality, Mouraria, urban regeneration, public policies, multiculturalism.

NOTAS PRELIMINARES SOBRE O CONTEXTO EMPÍRICO E TEÓRICO

Este texto tem por base uma pesquisa mais ampla realizada no Bairro da Mouraria em Lisboa¹ e cuja temática central se desenvolve em torno das culturas de convivência e superdiversidade, assentando a sua matriz concetual nas propostas teóricas desenvolvidas por P. Gilroy e S. Vertovec.

Conviviality de Paul Gilroy (2004), traduzido como convivialidade, dá conta dos processos de coabitação e de interação que transformaram o multiculturalismo numa característica comum e banal da vida social dos centros urbanos, especialmente nas cidades pós-coloniais marcadas pelas “novas migrações”.

Super-diversity de Steven Vertovec (2004, 2007a, 2007b) ou super diversidade tem contribuído para o debate crítico em torno do multiculturalismo, na medida em que procura superar as limitações associadas à utilização da etnicidade como principal fator explicativo da diversidade. Assim, o termo super diversidade invoca a importância das “novas combinações e interações de variáveis” presentes nas sociedades contemporâneas. Importa sublinhar, contudo, que as variáveis da super diversidade não são completamente novas, nem tão pouco as suas correlações. Esta proposta concetual implica a adoção de uma abordagem multidimensional que conjuga de forma interseccionada dimensões como o país de origem, a etnicidade, as línguas, a religião; os canais de migração e o estatuto jurídico; a inserção num dado local; as práticas transnacionais e as respostas geralmente proporcionadas pelas autoridades locais, prestadores de serviços

1 Projeto de investigação intitulado Culturas de Convivência e Superdiversidade, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) [PTDC/CS-SOC/101693/2008], este projeto decorreu em Portugal e em Espanha entre 2009-2011. Instituições envolvidas: Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-IUL), Instituto de Investigação Científica e Tropical (IICT/MCTES) e Laboratorio de Estudios Interculturales, Departamento de Antropología Social de la Universidad de Granada (LDEI).

e moradores locais, assim como também envolve aspetos relacionados com o género, as gerações, as classes sociais, entre outros, que permite abranger autóctones, imigrantes e descendentes nas mesmas categorias.

A *convivialidade* e a *super diversidade* têm sido utilizadas sobretudo como conceitos teóricos. O nosso projeto procurou no entanto dar um contributo também na sua operacionalização e aplicação empírica. Colocaram-se alguns desafios na mobilização deste quadro conceptual e metodológico.

O primeiro desafio foi o de definir super diversidade e ir além de uma definição ancorada na etnicidade. A super diversidade requer uma interpretação mais ampla das diversidades que inclua diferentes variáveis. Neste sentido, cidades como Lisboa podem ser definidas como super diversas por via do processo de crescimento e diversificação das suas populações migrantes, mas também por via de outros elementos que podem ser étnicos mas também culturais, económicos, sociais ou políticos. O segundo desafio consistiu em compreender de que modo as interações entre populações diversas ocorrem quotidianamente e de forma contextual, sendo que a *convivialidade* é mediada por relações de poder. Neste contexto procurou-se desenhar uma estratégia de pesquisa que reconhecesse as questões de poder como transversais aos contextos de *convivialidade* à escala local.

A estratégia metodológica desenhada procurou ter em conta os desafios acima referidos. Assim sendo, a *convivialidade* foi operacionalizada enquanto abordagem relacional às interações e trocas entre indivíduos, e a *super diversidade* como um instrumento para identificar as principais características da diversidade nas cidades interculturais contemporâneas.

Neste artigo procurar-se-á descortinar e dar a conhecer as perceções construídas por residentes, empresários, trabalhadores e agentes socioinstitucionais em torno

das transformações recentes que têm marcado a Mouraria enquanto contexto de super diversidade, assim como, os modos de convivência dominantes, sem esquecer as tensões e conflitualidades latentes e manifestas neste locus de análise. Procurar-se-á ainda descrever o processo de transformação em curso no bairro – ao nível da regeneração urbana, social e cultural, bem como das políticas de intervenção locais – refletindo sobre as transitoriedades e vulnerabilidades existentes neste território em reconfiguração.

Estratégias metodológicas de pesquisa da convivialidade em contextos de super diversidade

A pesquisa foi desenvolvida na área metropolitana de Lisboa entre 2009 e 2012. A abordagem foi de tipo qualitativo, privilegiando a perspetiva comparativa e uma estratégia centrada nas etnografias multisituadas desenvolvidas em contextos caracterizados por culturas de convivência e super diversidade. As etnografias multisituadas implicaram:

- a) A análise de uma cidade/área metropolitana;
- b) A seleção de um referente empírico, concretamente, dois bairros/unidades territoriais distintas: Mouraria e Cacém na Área Metropolitana de Lisboa, ou seja, uma situada no centro e a outra na periferia, de modo a privilegiar bairros com um tecido social dinâmico; populações diversas em termos de etnicidade, género, idade ou origem e que não representassem zonas residenciais de segregação, p.e. zonas de habitação social.
- c) A realização de três mini-etnografias em cada bairro em torno de três eixos de pesquisa: i) o bairro e as interações entre residentes e não residentes nos espaços públicos; ii) os jovens/educação e os modos como a diversidade é ensinada, aprendida e experienciada através das interações em instituições formais e informais (escola, associações, programas de apoio pós-escolar, rua);

iii) os eventos interculturais como manifestações de práticas e políticas culturais ao nível local.

Cada etnografia – através de observação participante e entrevistas semiestruturadas - procurou captar diferentes realidades locais relativamente às interações quotidianas e à forma como ocorrem as relações interculturais em contextos formais e informais. O objetivo foi o de compreender os contextos interculturais, ou seja a “diversidade quotidiana” (Wise, 2007) e olhar para as possíveis tensões e contradições que caracterizam as relações humanas e de vizinhança, interculturais ou não.

Os informadores privilegiados entrevistados na Mouraria foram essencialmente atores chave pertencentes a organismos associativos, como por exemplo dirigentes associativos da Associação Renovar a Mouraria, da Casa da Achada ou do Centro Em Movimento, mas também representantes de entidades públicas (técnicos e dirigentes da Câmara Municipal), bem como comerciantes e residentes. As evidências empíricas que sustentam esta pesquisa provêm ainda de um conjunto fundamental de dados secundários recolhidos junto das instituições oficiais, Instituto Nacional de Estatística, Câmaras Municipais, gabinetes locais, programas de financiamento europeus e nacionais como, por exemplo, o QREN - Quadro de Referência Estratégica Nacional, o programa de ação da Câmara Municipal de Lisboa, ou ainda o Plano de Desenvolvimento Social e Comunitário da Mouraria.

Bairro da Mouraria em Lisboa: a cidade entre as (diver) cidades

O bairro enquanto noção fluída, difusa e polissémica, pode afigurar-se como um conjunto, ou como parte de algo compartilhado, com uma fisionomia própria e dotada de uma certa unidade e singularidade (Clavel, 2004: 73). Pode também ser considerado como uma noção ideológica (Lefebvre, 1967 cit. in Clavel, 2003:

74-75), ao representar um ideal de vida comunitária enquanto quadro natural da vida social à escala humana. O bairro é igualmente uma unidade sociológica relativa, subordinada, que não define totalmente a realidade social, mas que é necessária. “Sem bairros, assim como sem ruas, poderá haver uma aglomeração, um tecido urbano, uma metrópole, mas não há cidade” (Lefebvre, 1971) na qual o espaço e o tempo dos habitantes tomem forma e sentido (Lefebvre, 1971). Cordeiro e Costa (1999: 60) conceptualizaram ainda os bairros como “lugares reais e imaginados, intrinsecamente articulados com outras unidades sociais: desde os pequenos nós de interação de vizinhança, informais, por vezes estruturados em redes discretas, ou polarizados em torno de uma rua, de uma associação ou de uma loja; passando pela freguesia, unidade política e administrativa mais ampla”.

Os resultados que aqui se apresentam têm como referencial empírico o Bairro da Mouraria, que juntamente com outros bairros (Bica, Alfama, Castelo, entre outros) pertence ao grupo dos Bairros Históricos e Conjuntos Urbanos que imprimem uma identidade particular a Lisboa, sendo-lhe atribuído um posicionamento singular no contexto desta cidade. Tal como acontece em vários bairros localizados nos centros históricos das cidades do Sul da Europa, os fenómenos mais comuns nestes contextos têm sido a degradação e a gentrificação em sentido urbanístico, acompanhados por entradas, saídas e permanências diferenciadas de moradores de diferentes origens. Neste sentido estes bairros experimentam a coexistência de “processos de transição sócio-urbanística, nomeadamente a fixação de imigrantes não europeus e a evidência de uma nobilitação urbana marginal, cuja ocorrência paralela tem conduzido à diversificação cultural e étnica” (Malheiros et al., 2012: 97). No entanto, a forma de processar e reagir de cada contexto, é diferente, porque os processos de transição e de transformação resultam da interação de fatores como as políticas públicas desenhadas e implementadas, o tecido associativo e comunitário

existente, os recursos económicos, sociais e culturais, entre outros.

A partir das evidências empíricas recolhidas, é possível afirmar que competem entre si, várias imagens, discursos e imaginários contraditórios em torno ao bairro da Mouraria: tradição e história; Meca cultural alternativa; degradação, marginalidade e desvio, entre outras. A imagem de tradição e história tem como *ícone* o bairrismo e o fado; a imagem de Meca cultural alternativa tem como ícone a diversidade de consumos culturais, já no caso do terceiro ícone é o desvio representado na prostituição e tráfico e consumo de drogas. Estas imagens concorrentes estão contextualizadas no decurso de várias transitoriedades: urbana, populacional, social, económica e cultural, que nos últimos anos tem-se acentuado, passando de ser um bairro nitidamente estigmatizado em trânsito para um bairro étnico-cultural

Nos documentos oficiais, os organismos públicos vinculados ao bairro evocam a Mouraria como sendo uma “marca”, assumindo a relevância do “espírito do lugar”, o que torna este bairro e a cidade de Lisboa competitiva ao nível das redes de cidades interculturais e cosmopolitas do mundo, no mercado do turismo e do turismo de cidades em particular (UP Mouraria, 2010: 3). No presente, o bairro da Mouraria ocupa um lugar de destaque na agenda cultural da cidade de Lisboa e nos roteiros turísticos. Aliás a Revista Time Out de 18 Julho de 2013, que é uma publicação semanal consagrada à promoção e divulgação de eventos culturais em Lisboa, dedica uma parte da edição à Mouraria sob o título enigmático “Tudo sobre o bairro mais surpreendente de Lisboa”. O que se passa na Mouraria leva-nos a lembrar o que Sharon Zukin (1995) afirmava no que se refere à existência de uma correlação entre migrações e economia urbana, sendo que esta combinação tem capacidade de criar uma economia etno cultural com o poder de mudar o carácter da economia urbana, criando novos mercados, produtos ou serviços, novas dinâmicas culturais entre

outros aspetos. Neste sentido, cidades como Miami (em que cerca de metade da sua população nasceu no exterior), Amesterdão e Londres apresentam uma dinâmica de hiper diversidade. A este respeito, Richard Florida (2004) salienta a potencialidade da diversidade como fator de diferenciação e atratividade para as classes criativas, concluindo que as cidades mais procuradas são aquelas em que existe maior diversidade étnica e cultural. De facto, para Florida (2004) as migrações conferem um carácter cosmopolita às cidades, tornando-as mais procuradas por essas classes, o que lhes confere uma vantagem comparativa em termos económicos. Mas será que a Mouraria se enquadra nesta descrição?

A Mouraria tem uma origem remota, enquanto arrabalde árabe ou “Mouro” fazendo parte da história da própria cidade de Lisboa como lugar de encontro de culturas, mas também foi aqui que nasceu o fado e onde as tradições “portuguesas” se enraizaram. Mais recentemente a “diversidade cultural” associada à presença de imigrantes neste local tem sido encarada oficialmente como um fator chave de competitividade dotando assim de um certo charme e unicidade este lugar. Num sentido mais amplo, a Lisboa da diversidade faz sobressair a multiplicidade de origens, tanto de pessoas como de produtos e/ou serviços culturais em presença na cidade (Carvalho, 2006: 92). Concretamente o Centro Comercial da Mouraria “representa um centro de atividade cosmopolita sem paralelo” (*Agenda CML*, Abr. 2004: 6), constituindo “um mercado animado e um *melting pot* multiétnico” (*Time Out*, 2001: 166, cit. in Carvalho, 2006: 93). Acrescente-se que um semanário de circulação nacional chamava a atenção para a diversidade de oferta no bairro a propósito da abertura de um novo espaço de uma associação local, a Casa Mouradia, ao revelar que “na casa comunitária da Mouraria tudo pode acontecer. Ora pode ter aulas de ballet e consultas de medicina tradicional, ora pode petiscar e ver música ao vivo.” (Expresso, Janeiro 20, 2013). Para além disso, aqui pode-se encontrar a oferta de uma série de programas socioculturais

e de promoção do turismo, em que se procura dar visibilidade às diferentes faces do bairro, nomeadamente à histórico-tradicional e à étnica-cultural. Assim, parece-nos ser de elevada relevância não só questionar e refletir sobre como se processa a convivialidade na diversidade cultural, mas também perceber qual o papel das políticas locais na gestão e promoção destas dinâmicas.

Em 2009, a Câmara Municipal de Lisboa elaborou uma candidatura ao Quadro de Referência Estratégica Nacional (QREN), denominada “Programa de Ação: as cidades dentro da cidade”, no qual atributos como a multiculturalidade e a diversidade étnica no bairro foram salientados e ampliados mediante o lançamento do “Festival Todos” e pelas iniciativas da associação “Renovar a Mouraria” através de passeios temáticos, como o “Venha Conhecer a Mouraria Chinesa” e a “Mouraria: da sua origem à atualidade multicultural e bairrista: 900 anos de história”. Num segundo momento, e dado o sucesso destas primeiras iniciativas, tanto organizações já consolidadas, como outras novas que nasceram como consequência do impulso dado pelas novas dinâmicas de diversidade, têm ainda criado outros programas e atividades vinculados a novos consumos, como por exemplo a Mouradia² - Casa Comunitária da Mouraria, a Cozinha Popular da Mouraria³, A rota das tasquinhas, Visitas cantadas, Há fados na Mouraria ou Arraiais na Mouraria, entre outros. O apelo ao cosmopolitismo coexiste e até se concilia com a imagem de Lisboa enquanto cidade de bairros - populares, pitorescos e típicos - persistentemente produzida ao longo do último século (Cordeiro e Costa, 1999: 58), no entanto registam-se mudanças que têm sido imprimidas através da consolidação e coordenação das políticas de requalificação urbana e iniciativas de desenvolvimento sociocultural e económico.

Embora a diversidade étnico-cultural nas cidades origine, segundo Sharon Zukin (1995), impactos significativos e positivos, a diversidade também pode

² <http://www.renovaramouraria.pt/> *acedido em 19 de Janeiro de 2014.*

³ <https://www.facebook.com/CozinhaPopularDaMouraria> *acedido em 19 de Janeiro de 2014.*

ser encarada como uma ameaça à coesão social e territorial, nomeadamente em algumas zonas de cidade compostas por uma coexistência multiétnica; mas ao invés, este atributo pode também ser capitalizado em campanhas de *marketing* urbano, associadas a estilos de vida cosmopolitas, apelando ao consumo de produtos e serviços dotados de uma certa autenticidade. Monet (2002) chama a esta vertente “toque étnico”, e pode ser apreciado na decoração, exibição de produtos étnicos ou tradicionais e na música escolhida nos restaurantes e bares, que desta forma promovem um consumo étnico ou uma pertença étnica, atraindo e/ ou repelindo clientelas específicas.

Os discursos sobre a Mouraria tendem ainda a refletir contradições e ambiguidades, que se expressam em tensões, conflitualidades e que se organizam em torno dos modos de convivência entre residentes, comerciantes e frequentadores de origem imigrante e autóctones, mas também em função das diferenciações etárias, de classe e entre novos e velhos moradores.

Modos de convivialidade na Mouraria

Na Mouraria coexiste uma certa diversidade de estatutos e de práticas entre usuários, trabalhadores e residentes, sejam moradores antigos, autóctones, migrantes e imigrantes de diversas origens, ou ainda novos habitantes autóctones jovens. Marluci Menezes (2003), no estudo que efetuou sobre o bairro da Mouraria salienta a presença de duas redes de sociabilidade e de vizinhança local: a rede de vizinhança por residência e a de vizinhança por trabalho. Na atualidade, esta distinção assume ainda alguma pertinência, no entanto pode ainda identificar-se uma outra categoria de redes de sociabilidades de consumo de públicos alternativos (i.e. frequentadores do mercado de Fusão, do Largo Intendente, das tasquinhas e bares, que podem ou não morar na Mouraria, etc.).

No entanto a proximidade por vizinhança e sociabilidades, especialmente quando são entre pessoas de origens diferentes, gera situações de convivência,

coexistência e de conflito quase de forma natural (Giménez 2002; Delgado 2008). Numa outra perspetiva, Simmel (1999[1908]) considera que as relações de conflito não têm necessariamente implicações desestruturadoras, estando antes relacionadas com as energias criadoras de um sentido de unidade no interior de um dado grupo social, coexistindo, assim, paradoxalmente conflito e unidade. Num estudo recente sobre a Mouraria, Gésero (2011) constata que na Mouraria e na Praça do Martim Moniz existem tensões entre residentes e comerciantes autóctones e residentes e comerciantes de origem estrangeira. Os autóctones entrevistados pela autora chegam a usar uma linguagem inflamada para descrever o desrespeito face aos horários de recolha do lixo por parte dos residentes imigrantes, bem como, os seus comportamentos não higienistas (atiram lixo pela janela, a sujidade, pautando-se pela falta de limpeza no interior dos edifícios e das suas habitações). No início do trabalho de campo e nas primeiras visitas ao bairro, tivemos a oportunidade de constatar que moradores, comerciantes e técnicos quando abordados sobre as sociabilidades e convivialidade faziam apenas menção aos conflitos, disputas, e problemas sociais, e só mais tarde e com a continuidade da pesquisa etnográfica é que chegaram a reconhecer outras formas de interação.

Numa das observações de terreno realizadas, um dos comerciantes revelou que “não está contente com a chegada de imigrantes”, referindo que são “tantos que já é um exagero”, acrescenta ainda que os indianos, paquistaneses, bangladeshis colocam durante o dia os inúmeros sacos de lixo à porta, apelidando-os de “porcos”. No entanto, nem todas as opiniões negativas são sobre os imigrantes, já que uma técnica que trabalha numa associação salienta que o bairrismo é tão extremo entre alguns residentes, geralmente mais idosos, que só aceitam como sendo do bairro aqueles que ali nasceram na Mouraria, excluindo mesmo a moradores de longa data, mas não nascidos no bairro.

A má fama do bairro e de outras áreas contíguas, como p.e. a Praça do Intendente é também associada à presença de comerciantes e clientes de origem imigrante. Um dos entrevistados também comerciante realça que: “Os centros comerciais que tem ali, de um lado e de outro, é só gente ruim. Estamos aqui perto do Intendente que tem uma fama que a gente sabe. O que segurava aqui o nosso negócio era aqui a Câmara, que era aqui em baixo e que foi embora há uns 6 ou 7 anos. E a clientela mudou muito. A nossa clientela... pronto, é má. É uma clientela má porque é gente de todos os níveis”; “A minha mulher, é difícil vir aqui. Vem uma vez ou duas por ano. Ela chega aqui e diz assim “Ó Zé, parece que estamos noutra país.” (comerciante português).

As dificuldades de aceitação da alteridade no contexto da convivência quotidiana também se refletem nos planos olfativo e sonoro, evidenciando-se os temperos usados na gastronomia dos diferentes grupos imigrantes, assim como, a sonoridade associada às diferentes línguas faladas, situação muitas vezes percebida pelos autóctones como uma certa falta de respeito face aos vizinhos portugueses, ou até como uma atitude de resistência acionadas pelos imigrantes (mais atribuída aos chineses) (Gésero, 2011). Uma das técnicas que representa a Unidade de Projeto da Mouraria (UPM) salienta as barreiras à comunicação entre autóctones e imigrantes:

“Enquanto que os indianos, os paquistaneses e do Bangladesh falam inglês e minimamente uma pessoa consegue ir interagindo, os chineses não falam tanto assim e por isso é mais complicado...” (UPM).

Mas a incompreensão e até rejeição da “diferença cultural” e da diversidade de modos de estar indiciam tensões latentes e crescentes no cotidiano do bairro face ao islão e ao imigrante africano. A mesma entrevistada acrescenta que:

“O bairro é habitado por muitas nacionalidades e raças e a comunidade branca também lá está. Há dois tipos de comunidade para mim, branca, ali dentro: há aqueles que ali nasceram e que vivem amargurados e em dificuldade com a invasão multicultural que o bairro tem e apresenta. No fundo têm a dificuldade em conviver o Ramadão. O bairro tem uma série de mesquitas e o Ramadão faz com que as pessoas durante a noite vão rezar e como só podem comer à noite, também fazem barulho porque fazem pequenas reuniões de alimentação para comerem depois de rezar. Isso provoca uma situação em que há muito barulho na rua e nos apartamentos. (...) Depois há famílias africanas que do 5º andar em vez de trazerem o saco do lixo para o lixo, atiram os sacos do caixote do lixo para o saguão ou para um espaço que eles consideram uma lixeira. As pessoas brancas têm as suas roupas lavadas, levam com o frango e com a muamba de galinha...”

Muito embora os entrevistados de nacionalidade portuguesa revelem dificuldades em compreender e aceitar os imigrantes, há outros que fazem questão em manifestar a inexistência de “problemas” ou de relações conflituosas com os vizinhos imigrantes.

“Ao contrário do que se pretende tentar demonstrar, as pessoas do bairro e os imigrantes ‘estão de costas voltadas’, passo a explicar isto dizendo que não é que sejam hostis ou agressivos, “as pessoas podem eventualmente cumprimentar-se, mas não se relacionam, ou quando se relacionam, muitas vezes ouvem-se queixas, como por exemplo em relação aos bangladeshi que deitam o lixo de qualquer das maneiras e tardiamente. Que um vizinho está constantemente a cozinhar caril e é um cheiro imenso no prédio etc. “Cada um faz a sua vida e pronto, não há grande amizade”. (Associação Renovar a Mouraria)

Mas são os autóctones (e mais velhos), os que na sua maioria se sentem mais orgulhosos do seu bairro (Fonseca, 2010). As evidências empíricas derivadas de um inquérito realizado a 100 indivíduos de origem imigrante e a 100 nativos em 2009-2010 residentes na Mouraria e Martim Moniz apontam a existência de elevados níveis de interação nos espaços públicos (p.e., parques) e um número escasso de visitas ao domicílio independentemente da origem do inquirido (Idem). Apesar da população residente continuar a ser maioritariamente portuguesa, os estrangeiros representam em 2011, 28% dos residentes (nas duas principais freguesias: São Cristóvão e São Lourenço e Socorro). Sendo de destacar a presença dos nacionais dos PALOP, da Índia, Paquistão e China (UP Mouraria, 2010).

Quadro 1. Contextos de convivialidade

Dimensões de convivialidade	Principais características
Consumo Econômica	<ul style="list-style-type: none"> • Convivialidade económica no comércio tradicional, centros comerciais e outras atividades económicas • Consumo quotidiano dos moradores • Consumo étnico e cosmopolita • Venda a retalho
Turística	<ul style="list-style-type: none"> • Itinerários de restaurantes e bares • Visitas organizadas no bairro • Passeios no bairro • Rota e iniciativas do Fado
Sociocultural	<ul style="list-style-type: none"> • Encontros no espaço público • Iniciativas culturais • Intervenções de associações e autoridades públicas • Programas desportivos e sociais • Encontro de moradores com não moradores
Religiosa	<ul style="list-style-type: none"> • Participação • Diversidade de locais de culto • Envolvimento das organizações religiosas no bairro • Participação em procissões e outras festividades religiosas

Educação	<ul style="list-style-type: none"> • Iniciativas escolares/eventos • Turmas • Encontros informais nos intervalos escolares • Programas específicos para estrangeiros/descendentes • Workshops em convivialidade & conflito
Eventos Interculturais & políticas	<ul style="list-style-type: none"> • Políticas culturais relativas à diversidade • Envolvimento da população do bairro nas iniciativas • Participação das autoridades locais • Trabalho dos artistas no bairro • Envolvimento das associações • Contacto dos não moradores e turistas com o bairro
Conflitos & tensões	<ul style="list-style-type: none"> • Droga • Prostituição • Delinquência • Criminalidade • Conflitos quotidianos (cheiros, barulhos, etc.) • Diferentes usos do espaço público

Fonte: elaboração própria, 2012.

Contudo, ao longo da nossa pesquisa constatamos uma mudança de atitude e de percepção entre autóctones e imigrantes, em parte devido à proximidade e interconhecimento conseguidos através de políticas de intervenção cultural que conseguiram fomentar a interação e o intercâmbio. A literatura salienta que os rituais no espaço público podem cumprir funções muito diversas. Por um lado os rituais, neste caso as festas e festivais, têm a vantagem de unir os atores ao criarem uma espécie de comunidade, mas também podem reforçar as diferenças existentes entre os seus membros. Neste sentido, as festas tem um poder relevante, e Delgado denomina festa centrípeta aquela que tem capacidade de gerar união e festa centrífuga à que tem capacidade de provocar diferenciação (2003: 42-43), sendo que estas forças podem acontecer simultaneamente e/ou sequencialmente, ou predominar em diferentes momentos. Ao longo do trabalho de campo detetamos transformações nas atitudes e no relacionamento entre os residentes de diferentes origens, mas também têm conseguido atrair ainda novos residentes e frequentadores que procuram a diversidade.

O Festival Todos⁴ desenvolvido entre 2009 e 2012 no bairro da Mouraria foi planificado como uma intervenção urbana de cariz comunitário, no fundo, um mega evento cultural, com o objetivo de promover o diálogo entre residentes, comerciantes, associações locais e outros públicos presentes. A efemeridade do festival, que durava uma semana, não foi um impedimento para construir relações e sociabilidades, pelo contrário, ajudou a afastar algumas quimeras relacionadas com um imaginário que ainda subsiste sobre a Mouraria (imigrantes, delinquência, decadência), valorizando-o como espaço desejado. Uma vez descoberta a potencialidade do Todos como festa centrípeta, depois de dois anos de sucesso, a convivialidade foi reforçada com outras políticas de fomento dos consumos étnicos-culturais, e no coração do bairro procedeu-se à abertura do

4 <http://todoscaminhadadeculturas.blogspot.pt/p/programa-2012.html> *acedido em 19 de Janeiro de 2014.*

“mercado de fusão”⁵, que mesmo tendo gerado alguma controvérsia inicial, tem desmistificado a má fama da praça do Martim Moniz, que hoje convida turistas e outros públicos a consumir diversidade.

Contudo, o mapeamento dos espaços públicos no bairro, feito durante a pesquisa etnográfica, indica diferentes regimes de ocupação do espaço público e que não se intercetam, bem como a existência de uma sociabilidade segmentada, observando-se um uso mais ostensivo do espaço público por parte dos homens. Já Menezes (2003: 212) tinha observado que os homens têm uma presença mais exposta do que as mulheres. A este respeito, relembre-se Bauman (2007: 60 e 133) ao afirmar que a vida urbana é movida por estranhos entre estranhos, existindo diferentes formas de coexistência, desde o existir-ao lado; o existir-com e o existir-para. Dos depoimentos dos entrevistados parece que na Mouraria o existir-ao lado é a modalidade mais recorrente, traduzindo-se em contactos fragmentados ou episódicos, envolvendo só uma pequena parte dos múltiplos desejos e interesses do indivíduo. Os vários grupos e universos sócio simbólicos coexistem e vivem lado a lado, sem se conhecerem, o que está bem patente neste testemunho:

“a Mouraria é um bairro culturalmente diversificado, existem muitos grupos ... As pessoas não se misturam muito, há desconfiança de uns face aos outros e não querem se misturar” (Joana, ex-residente)

Para Torres (2004) a coexistência ou viver ao lado é uma prática comum de convivência multicultural no espaço público, contudo o importante é perceber as diferentes formas a partir das quais se geram relações no eixo proximidade-distância, daqui resultando dinâmicas específicas. Vários autores salientam que o espaço urbano, neste caso o bairro cosmopolita, é um lugar que cria

5 <http://www.ncs.pt/mercadodefusao.php>. acedido em 19 de Janeiro de 2014.

novas linguagens transnacionais, formas de interação e conflitos (Sakai and Salomon, 2006; Mezzadra, 2008), reforçando-se a visão de Gilroy sobre a convivialidade como uma situação que abrange também o conflito e as tensões. Giménez (2002) ao analisar os conflitos aplica uma metodologia que identifica três grupos de fatores: os pessoais ou idiossincráticos, os situacionais e os culturais, recomendando não exagerar no peso atribuído ao cultural. Por outro lado, este autor quase normaliza o conflito como base relacional de todas as relações humanas.

Um aspeto central na aceitação dos imigrantes ou da diversidade remete para a questão da visibilidade (ou hipervisibilidade) nos espaços públicos frequentados quotidianamente, tornando familiar o que era desconhecido ou pouco familiar. Na Mouraria certos espaços públicos, como praças, becos, ruas, antes desocupados e vazios, quer por falta de condições quer por falta de pessoas (crianças) têm sido ocupados por novos residentes, nomeadamente algumas famílias imigrantes. Durante o trabalho etnográfico frequentemente observamos que ao fim do dia, crianças de diversas origens (indianos, paquistaneses ou bagladeshis) jogavam cricket na Praça do Martim Moniz.

No plano das relações comerciais e profissionais, os comerciantes portugueses sublinham a concorrência “desleal” perpetrada pelos comerciantes de origem imigrante, já que estes usufruem de benefícios fiscais, beneficiando de uma fiscalização mais permissiva aos seus estabelecimentos (percepção e sentimento de injustiça). No entanto, alguns comerciantes e proprietários reconhecem os chineses como bons clientes e bons pagadores, que dão maior dinamismo ao bairro. Aplicando a classificação de Giménez percebe-se que os fatores que marcariam o conflito não são necessariamente culturais, mas situacionais.

Independentemente das críticas que possam ser aduzidas de parte a parte, o comércio nesta zona de Lisboa atraiu novos consumidores, novos empresários,

novos produtos, novos serviços e também novas experiências. Um dos comerciantes de origem estrangeira reafirma as oportunidades que aqui se encontram justapostas:

“Devido ao conhecimento dos restaurantes, gostam da comida. Agora a internet também ajuda bastante, porque tem receitas, conhecem mais os produtos. A comida indiana sempre foi mais gostosa do que a habitual. A gente tem aqui muita variedade também, dos produtos. (...) temos clientes de quase toda a parte de Portugal; temos clientes de Leiria, Setúbal, Porto, até; também temos clientes de [Vila Nova da] Barquinha, do Alentejo também; mas mais clientes regulares são clientes de Lisboa, distrito de Lisboa.” (Comerciante nacional do Bangladesh)

Importa relembrar que a Mouraria atraiu em diferentes temporalidades comerciantes de distintas origens étnico-nacionais, realçando a transitoriedade do bairro como uma característica de longa data. Desde indo-portugueses, hindus e muçulmanos, que começaram a instalar-se na zona em meados dos anos 70, dedicando-se principalmente ao comércio de brinquedos, bijutarias, quinquilharias, mobiliário e à importação-exportação (Malheiros 1996; Mapril, 2010). Nos anos 90 assistiu-se à instalação de guineenses, cabo-verdianos e, mais recentemente, de senegaleses e zairenses (com lojas nas áreas da cosmética, música, produtos alimentares e restauração), mas também de comerciantes chineses – principalmente provenientes da província de Zhejiang após a década de 90 (Bastos 2004; Mapril, 2010). Foi também nesta altura que se registou a fixação dos comerciantes paquistaneses (restauração, bricabraque, audiovisual) e bangladechianos (pronto-a-vestir, restauração, supermercados, bricabraque) (Mapril, 2010: 249).

Um levantamento realizado entre 2000-2002 ao comércio de rua na área de Intervenção da Unidade de Projeto da Mouraria (UPM) confirma as tendências já alinhadas, observando-se que 56,9% do comércio era dinamizado por portugueses, 31,5% por indianos, 4,8% por comerciantes de origem africana, 3,6% por chineses e 2,4% por paquistaneses. O comércio que se desenvolvia no interior dos dois centros comerciais era dominado quase exclusivamente pelos chineses. (UP Mouraria, 2010: 20; Menezes, 2003). Estes tendem a dedicar-se a um comércio de carácter grossista, constituindo-se nos principais fornecedores de artigos para o comércio ambulante praticado pelos ciganos (em mercados e feiras).

Mais recentemente, a diversidade comercial do bairro tem aumentado com a abertura de novos bares, restaurantes e lojas nas zonas que tem sido alvo de renovação e reabilitação urbana, especialmente na Praça do Intendente que aloja o gabinete do Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, e alguns dos equipamentos sociais que foram recuperados (sedes/instalações da Associação Renovar a Mouraria, Clube do Intendente, etc.).

Velhas e novas vulnerabilidades

Se é verdade que Lisboa desde 2011 integra a Rede de Cidades Interculturais, a Mouraria foi o espaço de coexistência étnica⁶ que legitimou e onde se assinou

6 Lisboa fez a sua adesão à Rede das Cidades Interculturais em 2011. O programa “Rede das Cidades Interculturais” é um projeto conjunto do Conselho da Europa e da Comissão Europeia criado e executado dentro do contexto do Ano Europeu do Diálogo Intercultural, cujo objetivo é estimular novas ideias e práticas em relação à integração dos imigrantes e das minorias. Esta Rede de Cidades Interculturais visa facilitar a orientação mútua e o intercâmbio entre as cidades, sendo as respetivas atividades concebidas de modo a envolver um amplo leque de atores – funcionários municipais, administradores, prestadores de serviços, profissionais e organizações da sociedade civil – no processo de construção de uma visão intercultural e estratégica para os municípios. A Rede de Cidades Interculturais pretende ainda reforçar as ações das comunidades locais, tirando o máximo partido da sua diversidade cultural, apoiar as cidades no desenvolvimento de estratégias de atuação e ações que ajudem a gerir a

oficialmente o acordo. No entanto, o bairro está marcado pela alteridade que alterna entre ser um espaço de novos consumos associados aos “comércios, serviços e produtos étnicos”, e ser um lugar marcado pela insegurança associada à degradação de alguns edifícios e dos espaços públicos que não foram alvo de remodelação. Contudo, as novas dinâmicas sociais, culturais e económicas desenvolvidas não têm conseguido livrá-lo das condutas desviantes e da delinquência já que todavia subsiste a presença de fenómenos como os sem-abrigo, a prostituição, traficantes e consumidores de drogas, embora em menor intensidade comparativamente ao período anterior à intervenção.

Recorde-se que a Mouraria carrega um estereótipo sedimentado na história da cidade de Lisboa e de Portugal: o lugar para onde foram os mouros que não saíram da cidade com a Reconquista Cristã (1170), marcando o início formal da Mouraria, mas também o início da ideia da área como um território estigmatizado porque o nome, representa o espaço físico para alojamento dos mouros, mas também significa, etimologicamente, o vale dos vencidos (Menezes, 2003).

No compromisso assumido pela Câmara Municipal de Lisboa como cidade intercultural esta imagem da Mouraria é reafirmada: “historicamente, um território composto por vulnerabilidades sociais, designadamente, grupos em risco ou em situação de pobreza ou exclusão social, baixos índices de qualidade de vida, alguma insegurança, e níveis de “guetização” territorial acima do comum e desejável, (...) Até final de 2013, a Mouraria será objeto de uma reabilitação urbana, o que constitui uma excelente oportunidade para se proceder a uma “revitalização social” em paralelo” (CML, 2011).

Ainda, no Plano de Desenvolvimento Comunitário da Mouraria reforça-se que até 2013, a Mouraria será objeto de uma reabilitação urbana e social, procurando-se “atingir a diminuição dos fenómenos de exclusão e pobreza, a melhoria da diversidade de forma construtiva e inovadora propondo políticas concretas e métodos que as cidades de toda a Europa possam vir a adotar e a beneficiar (CML, 2011).

qualidade de vida, e uma maior abertura do território à cidade.” (CML, 2011).

Já em 2001, Menezes (2003: 204) ressaltava que em 101 respondentes, 78,1% referiram que havia locais específicos no bairro marcados por problemas de segurança, havendo, no entanto, referências ao passado do bairro, como sendo mais seguro. Ainda hoje a insegurança continua a ser um elemento invariante no discurso produzido por técnicos, comerciantes e residentes entrevistados, geradora de tensões, mas também de estratégias de evitamento e de separação entre residentes e usuários deste território:

“Há um problema complicado no bairro da Mouraria, que tem a ver com tráfico de drogas e há famílias ligadas ao comércio específico e comércio. Os traficantes de droga que não se misturam com os africanos, os castiços mesmo do fado. Também é um lado bastante obscuro, eles não se deixam “contaminar”, eles têm aquilo ali bastante balizado por causa da droga. Eles são difíceis. Eles são um outro tipo de brancos que não são os velhinhos, mas são aquela população castiça que eu acho que tem uma veia árabe muito forte ali metida que são as tabernas, as tascas, a droga, como meio de subsistência, negócio, as mulheres que vendem droga, as crianças que são correios de droga. Há ali muita coisa chata a acontecer e que eles preservam. Eles têm a polícia toda posta; a polícia deles, homens deles.” (Unidade de Projeto da Mouraria)

A insegurança civil (dos bens e das pessoas) não pode ser encarada de forma separada da insegurança social na medida em que esta envolve problemas como o desemprego, as desigualdades sociais e o racismo, o que tem incidência na primeira. A conjugação da precariedade do trabalho com a fragilidade dos suportes de proximidade gera o que Robert Castel (1998) designa como

vulnerabilidade social. Este tipo de vulnerabilidades são ainda vividas no quotidiano do bairro, apesar das mudanças em curso.

“Há quatro anos atrás havia bastante consumo aqui na zona e tornava-se mesmo incomodativo porque houve casos de overdoses e falecimentos provocados pelas overdoses e nós vimos aqui muitas desgraças...a rua do Benfornoso é uma rua onde tu já circulas com bastante á vontade exceto à noite. À noite não é seguro circular na rua do Benfornoso mas de dia é seguro...” (Associação Renovar a Mouraria)

Segundo o diagnóstico produzido pela Unidade de Projeto da Mouraria como base para a intervenção no bairro, o bairro apresentava um certo estado de desertificação (abandono prolongado dos alojamentos) e degradação do edificado, embora as condições de habitabilidade básica dos alojamentos tenham melhorado. A Mouraria continua a ser um bairro onde o regime de arrendamento é maioritário, embora tenha aumentado a proporção de proprietários, concentrando uma percentagem razoável de propriedade pública, nomeadamente municipal (UP Mouraria, 2010).

Mas a degradação do *habitat* popular, a sobrelotação, a linguagem arquitetónica e os projetos de intervenção sócio territorial não têm conseguido evitar a segregação, desde os planos de renovação urbana de 1930/40, que implicaram uma “limpeza e embelezamento” do mal afamado bairro da Mouraria (Menezes, 2003), até aos anos 60 com o Plano de Modernização do Martim Moniz que acentuou a marginalização física e social e a desvalorização dos seus terrenos, com continuidade nos anos 80, com o Plano de Renovação Urbana do Martim Moniz (com a edificação dos dois *shopping centers*); sendo que só em 1985 se criou o Gabinete Local da Mouraria (mais tarde Unidade de Projeto do bairro da Mouraria) – com funções ao nível da reabilitação, revitalização

sociocultural, recuperação do património económico, urbano e arquitetónico. Esta área transformou-se assim em “objeto de renovação urbana” (Costa, Ribeiro: 1989 in Menezes: 2009: 308).

Como já foi referido, foi marcante o ano de 2009 com o surgimento do “Programa de Ação”⁷ (no âmbito do Quadro de Referência Estratégica Nacional) com o objetivo de requalificar o espaço público e o ambiente urbano, complementado com a intervenção no tecido social da área de intervenção (UPM, 2010).

O Programa de Ação da Mouraria, designado “As Cidades dentro da Cidade”, apostou na realização de intervenções arquitetónicas e de requalificação do espaço público e ambiente urbano em colaboração com as associações locais, para “tornar esta área da cidade mais atrativa, não só para o comércio, serviços, jovens e famílias, mas mais, segura e sustentável para os residentes e turistas” (UPM, 2009: 23). Neste quadro de mudanças, o novo Gabinete do Presidente da Câmara de Lisboa está instalado no Largo do Intendente desde o início de 2011, prevendo-se que o Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural também desloque as suas instalações para esta área. Pese embora o carácter pontual destas iniciativas, estas são percebidas como ações-chave para a mudança.

*“O facto do Presidente da Câmara vir simbolicamente viver – viver
não, ter o seu gabinete de trabalho ali no Largo no Intendente -*

7 Este Programa de Ação da Mouraria responde, assim, quer à proposta de valorização da diversidade dos territórios definida no PNPO (Plano Nacional de Planeamento e Ordenamento do Território para reforço do modelo territorial, quer mais concretamente a um dos objetivos políticos do Plano Regional de Ordenamento do Território da Área Metropolitana de Lisboa (PROTAML): a promoção da qualificação urbana, nomeadamente das áreas urbanas degradadas ou socialmente deprimidas, bem como das áreas periféricas ou suburbanas e dos centros históricos. No que se refere à intervenção neste bairro histórico, a opção foi pela reabilitação dos edifícios; pelo tratamento cuidado dos espaços públicos; e pela promoção da participação cívica – reforço de coletividades e associações culturais.

também fez com que as coisas corressem um bocadinho mais em feição da Mouraria, o que é ótimo, ainda bem que ele teve essa decisão, e há aqui uma vontade política em intervir nesta zona; e o serviço do município que é responsável pela limpeza urbana está bastante preocupado e tem feito um esforço – e isso é claríssimo para mim! – de 2008 para hoje o grau de lixo diminuiu consideravelmente e isso, francamente, acho que foi um esforço municipal, agora trata-se um bocadinho de educar as pessoas.” (UPM)

Os documentos que fazem parte desta proposta, indicam claramente que este programa visa essencialmente intervir nos espaços públicos de modo a promover a segurança e a utilização dos espaços do bairro e da cidade, tentando resolver de forma indireta alguns dos problemas sociais que aqui são assumidos como problemas urbanos (Castells, 1983).

Na verdade, em 2012 realizaram-se já duas intervenções estruturantes, uma é o projeto de revitalização da praça do Martim Moniz (à entrada do bairro da Mouraria) com a criação de quiosques, esplanadas e o Mercado de Fusão (já mencionado), da autoria de um Ateliê privado – a CHP Arquitectos⁸, o objetivo é transformar esta praça no “novo hot spot de Lisboa”.

A segunda, foi a requalificação da mal-afamada praça do Intendente, antes dominada pela prostituição e pelo tráfico e consumo de droga, com a criação de áreas pedonais, de novos espaços comerciais e de consumos culturais, p.e. o

8 Este projeto assenta sobre estruturas já preexistentes, transformando-as e complementando-as com novas funções, criação de novas áreas de sombreamento e a praça passa a estar dividida em 3 zonas: 1) dois quiosques com esplanadas próprias (a norte); 2) no centro surge uma área de restauração com gastronomia de vários cantos do mundo com 8 quiosques, zonas de sombreamento e instalações sanitárias; 3) zona de mercado com produtos diversos que completa a praça com 36 stands para venda de artigos (mercado desmontável).

Café O das Joanas, o armazém da Fábrica de Cerâmica da Viúva Lamego que recentemente alberga a nova loja de A Vida Portuguesa⁹, A Casa Independente (serve refeições, espaço de exposições, de concertos, etc.)¹⁰ sem descurar a importância do turismo cultural, com a criação do Largo das Residências Artísticas (da Associação Sou), onde os clientes podem ser visitantes e participar nas atividades da associação¹¹. No presente é paradigmático que a Praça do Intendente, que foi o espaço mais estigmatizado no passado seja hoje o reflexo de uma intervenção bem conseguida nos planos arquitetónico, social e cultural, contando com uma instalação de arte urbana – o “kit garden”¹² - da artista portuguesa mais reconhecida internacionalmente, Joana Vasconcelos, e com os bares e tascas mais afamados.

NOTAS FINAIS

Ainda que muitos dos anteriores planos de requalificação e reabilitação da Mouraria tivessem tido resultados limitados e discutíveis, a presente intervenção planificada e ancorada em mudanças quer no plano arquitetónico estrutural, quer no plano sócio comunitário sugere que tanto as intervenções urbanas como as sociais têm tido consequências positivas, tanto na dimensão física, principalmente ao nível da infraestrutura (requalificação de praças, e de edifícios ruas; recolha de lixo, etc.) como na dimensão socioeconómica (abertura de negócios potenciação do emprego e consumos, promoção do lazer e da ocupação espacial do bairro com programação cultural e visitas).

⁹ Ver *Fugas.publico.pt/Noticias/326224_as-andorinhas-d-a-vida-portuguesa-ja-voam-no-intendente*, acedido em 20 de Janeiro de 2014.

¹⁰ http://fugas.publico.pt/restaurantesebares/314396_casa-independente e <http://www.casaindependente.com/>, acedido em 20 de Janeiro de 2014.

¹¹ *As residências têm capacidade para 30 pessoas e acolhem, também, projetos turísticos de maior dimensão, apoiando a pesquisa de parcerias e de bolsas de criação.*

¹² http://www.dn.pt/inicio/artes/interior.aspx?content_id=2801893&seccao=Artes%20Pl%Elsticas, acedido em 20 de Janeiro de 2014.

O espaço público da Mouraria é uma amálgama de diferentes formas de vida, e se fizemos uma breve incursão pelas suas ruas e becos são bem visíveis as transformações em curso. Tais mudanças não podem ser superficialmente concebidas como meras operações de cosmética urbana, uma vez que são notórios os vários domínios de metamorfose da vida do bairro. Se bem que o território da Mouraria, especialmente das várias Mourarias imaginadas, ainda tem fama, esta fama nos últimos tempos tem adquirido atributos positivos. Por um lado, as dinâmicas de convivialidade são variadas e múltiplas, não estando limitadas às tensões dicotómicas entre os residentes autóctones idosos e os imigrantes. Pelo contrário, também envolvem uma gama mais alargada de sociabilidades superficiais ou não, entre jovens frequentadores, casais jovens, profissionais, estudantes universitários nacionais e estrangeiros, artistas, investigadores, novos imigrantes, entre outros.

Por outro, devido ao forte estímulo dirigido ao polo cultural, o bairro conseguiu desenvolver os seus próprios elementos tradicionais bairristas latentes: o fado e a cultura do fado. O fado no imaginário popular nasceu na Mouraria, mas o bairro não tinha espetáculo de fado para oferecer ao público. Assim o reconhecimento pela Unesco em 2011 do Fado como Património Imaterial da Humanidade veio potenciar este elemento tradicional do bairro, integrando-se hoje na oferta cultural da Mouraria, a qual representa para os residentes autóctones um importante elemento da sua identidade. A mudança foi incremental, com o aumento da oferta cultural. Timidamente começou-se pelas tertúlias de fado, em Há fados na Mouraria. Posteriormente, estrelas do fado foram convidadas a cantar na Mouraria (Marisa) assim como também outras jovens artistas apoiaram iniciativas comunitárias (Gisela João) promovendo o fado entre os diversos públicos possíveis, e finalmente, inaugurou-se a primeira casa de Fado, a Casa da Severa, que colocou a Mouraria na rota do Fado da cidade de Lisboa.

Hoje em dia a Mouraria cosmopolita e multicultural, integra-se já em vários roteiros turísticos e de consumos, desde a restauração internacional e tradicional portuguesa, ao comércio em lojas globalizadas e mercearias populares, ao



Figura 1: Mouraria, Lisboa. Fonte: Elaboração no âmbito do Projeto de investigação intitulado Culturas de Convivência e Superdiversidade, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) [PTDC/CS-SOC/101693/2008],

fado lisboeta e oferta de *world music*, o que atrai tanto estrangeiros e turistas, como visitantes e residentes. O carácter de super diversidade assim como de convivialidade cultural são uma marca da Mouraria, mesmo quando vivenciados num contexto de transitoriedade e vulnerabilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABÉLES, M. (2008). Pensar el desplazamiento de lo público. De la convivencia a la supervivencia, Política de la supervivencia. EUDEBA: Buenos Aires, p. 95-139.
- ARAMBURU, M. (2009). Convivència intercultural a l'espai públic urbà, Barcelona societat. *Revista del coneixement i anàlisi social*, 16, 62-70.
- BASTOS, C. (2004). Lisboa, século XXI: uma pós-metrópole nos trânsitos mundiais. In: PAIS, J.M. & BLASS, L. (orgs.), *Tribos Urbanas: Produção Artística e Identidades*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, p. 195-224.
- BAUMAN, Z. (2006). *Confiança e Medo na Cidade*. Lisboa: Relógio d'Água, 87 p.
- BAUMAN, Z. (2007). *A vida fragmentada. Ensaios sobre a moral pós-moderna*. Lisboa: Relógio d'Água, 288 p.
- BRITO, J.P. (1999). O fado: etnografia na cidade. In: VELHO G. (org.), *Antropologia Urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 24- 42.
- CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA (2011) *Participação no projecto "Rede das Cidades Interculturais"*. Proposta nº 237 / 2011.
- CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA (2011). Plano de Desenvolvimento comunitário da Mouraria- relatório final, Documento para debate. 96 p.
- CARVALHO, F.A. (2006). O lugar dos negros na imagem de Lisboa. *Sociologia Problemas e Práticas*, 52, 87-108.
- CASTEL, R. (1995). *Les métamorphoses de la question sociale: une chronique du salariat*. Paris: Fayard, 490 p.
- CASTELLS, M. (1983). *A Questão Urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 590 p.
- CLAVEL, M. (2004). *Sociologie de l'urbain*. Paris: Anthropos, 123 p.

- CORDEIRO, G.I.; COSTA, A.F. (1999). Bairros: contexto e intersecção. In: VELHO, G. (org.), *Antropologia Urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 58-79.
- COSTA, F.L. (2004). Turismo Étnico, Cidades e Identidades: Espaços multiculturais na Cidade de Lisboa. In: APS, VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Coimbra: Centro de Estudos Sociais, Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra, p. 26.
- COSTA, F.L. (2011). Globalização, diversidade e ‘novas’ classes criativas em Lisboa: económica etnocultural e a emergência de um sistema de produção etnocultural. *Sociologia Problemas e Práticas*, 67, 85-106.
- DELGADO, M. (coord.) (2003). *Carrer, festa i revolta. Els usos simbòlics de l'espai públic a Barcelona (1951-2000)*. Barcelona: Generalitat de Catalunya, Departament de Cultura, 354 p.
- DELGADO, M. (2008). Marca y territorio. Sobre la hipervisibilidad de los inmigrantes en espacios públicos urbanos. In: GARCÍA ROCA, J. & LACOMBA, J. (eds.), *La inmigración en la sociedad española. Una radiografía multidisciplinar*. Barcelona: Bellaterra, p. 351-362
- FLORIDA, R.L. (2002). *The rise of the creative class: and how it's transforming work, leisure, community and everyday life*. New York: NY, Basic Books, p. 311.
- FLORIDA, R.L. (2004). *Cities and the creative class*. London: Routledge, p. 192.
- FONSECA, M.L. (coord.) (2010). *City survey report: Lisbon. Executive Summary*. Lisboa: IGOT-UL, 175 p.
- GÉSERO, M.P. (2011). Configuração da Paisagem Urbana pelos grupos Imigrantes. O Martim Moniz na Migrantscape de Lisboa. *Dissertação de Mestrado* Integrado em Arquitectura, Lisboa: FAUTL, 177 p.
- GILROY, P. (2004). *After empire: melancholia or convivial culture?* London, New York: Routledge, 183 p.
- GIMENEZ, C. (2002). Planteamiento multifactorial para la mediación e intervención en contextos multiculturales. Una propuesta metodológica de superación del

- culturalismo. In: GARCIA CASTAÑO, J. & MURIEL, C. (Eds.) *La inmigración en España: contextos y alternativas*, Laboratorio de Estudios Interculturales: Universidad de Granada, p. 627-644.
- LEFEBVRE, H. (1971). *De lo rural a lo urbano*. Barcelona: Ediciones Península, 270 p.
- LEFEBVRE, H. (1974). *La production de l'espace*. Paris: Ed anthropos, p. 485.
- LEFEBVRE, H. (1991). *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, p. 143.
- MALHEIROS, J.M. (1996) *Imigrantes na Região de Lisboa: Os Anos da Mudança*. Lisboa: Edições Colibri, p. 238.
- MALHEIROS, J.M.; CARVALHO, R. & MENDES, L. (2012). Etnicização residencial e nobilitação urbana marginal: processo de ajustamento ou prática emancipatória num bairro do centro histórico de Lisboa? In: Mendes, M. (Coord.), *Sociologia número temático Imigração, Diversidade e Convivência Cultural*, p. 93-124.
- MAPRIL, J. (2010). Banglapara: imigração, negócios e (in)formalidades em Lisboa. *Etnográfica*, 14 (2), p. 243-263.
- MENEZES, M. (2003). *Mouraria: entre o mito da Severa e o Martim Moniz. Estudo antropológico sobre o campo de significações imaginárias de um bairro típico de Lisboa*. Lisboa : LNEC, 430 p.
- MENEZES, M. (2009). A praça do Martim Moniz: etnografando lógicas socioculturais de inscrição da praça no mapa social de Lisboa. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 301-328.
- MEZZADRA, S. (2008). *La condizione postcoloniale. Storia e politica nel presente globale*. Verona: Ombre corte, 177 p.
- MONET, M. (2002). *La formación del espacio público. Una mirada etnológica sobre el Casc Antic de Barcelona*. Madrid: Los Libros de la Catarata, 287 p.
- SAKAI, N. & SOLOMON, J. (eds) (2006). Introduction: Addressing the Multitude of Foreigners, Echoing Foucault. In: Sakai, N. & Salomon, J. (Eds.) *Translation, Biopolitics, Colonial Difference*, Traces, n. 4, Hong Kong: Hong Kong, University Press., p. 1-35.

- SIMMEL (1999 [1908]). *Sociologie. Études sur les formes de la socialization*. Paris: Presses Universitaires de France, p. 756
- TORRES, F. (2004). “Espacios públicos, sociabilidad e inserción de los inmigrantes. El caso de dos parques en Valencia”, IV Congreso sobre la inmigración en España, Girona 10-13 de novembro.
- UP MOURARIA (2010). *Documento de candidatura ao QREN Mouraria*.
- UPM, Unidade de Projecto da Mouraria. (2009). Programa de Acção da Mouraria: As Cidades dentro da Cidade. Unidade de Projecto da Mouraria, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa.
- VERTOVEC, S. & WESSENDORF, S. (2004). Migration and Cultural, Religious and Linguistic Diversity in Europe: An overview of issues and trends, Oxford, Centre on Migration, Policy and Society [COMPAS], University of Oxford, International Migration, Integration and Social Cohesion (IMISCOE), 63 p.
- VERTOVEC, S. (2007a). Introduction: New directions in the anthropology of migration and Multiculturalism. *Ethnic and Racial Studies*, 30 (6), 961- 978.
- VERTOVEC, S. (2007b). “Super-diversity and its implications”, *Ethnic and Racial Studies*, 30 (6), 1024-1054.
- WISE, A. (2007). Multiculturalism from below: Transversal crossings and working class cosmopolitans. In WISE, A. & VELAYUTHAM, S. (Eds.), *Everyday Multiculturalism*, Macquarie University, Houndmills: Palgrave-Macmillan, p. 21-45.
- ZUKIN, S. (1995). *The cultures of cities*, Malden USA e Oxford UK: Blackwell Publishers Inc. p. 322.